



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 04, pp. 35320-35324, April, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.18641.04.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

AVANÇOS DO CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOB A ÓTICA DE REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS

Cláudia Jeane Lopes Pimenta¹, Márcia Cristina de Figueirêdo Santos^{1,*}, Leiliane Teixeira Bento Fernandes¹, Fabíola de Araújo Leite Medeiros², Sandra Aparecida de Almeida³, Maria Miriam Lima da Nóbrega³, Neusa Collet³ and Kátia Neyla de Freitas Macedo Costa³

¹Enfermeiras, Doutorandas em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - Paraíba, Brasil

²Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente da Universidade Estadual da Paraíba, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde e da Universidade Aberta à Maturidade, Campina Grande - Paraíba, Brasil.

³Enfermeiras, Doutoradas em Enfermagem, Docentes do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - Paraíba, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 18th January, 2020

Received in revised form

04th February, 2020

Accepted 19th March, 2020

Published online 30th April, 2020

Key Words:

Bases de Conhecimento,
Enfermagem, Cuidados de Enfermagem.

*Corresponding author:

Márcia Cristina de Figueirêdo Santos

ABSTRACT

Objetivo: Refletir sobre os avanços do conhecimento em Enfermagem numa perspectiva dialógica entre as revoluções científicas definidas por Thomas S. Kuhn. **Método:** Estudo teórico reflexivo realizado entre os meses de Agosto de 2018 e Março de 2019. **Resultados:** Apresenta-se a evolução histórica do conhecimento da Enfermagem, o desenvolvimento da profissão em termos científicos e o seu conhecimento após a crise paradigmática. **Considerações finais:** Há avanços no conhecimento da Enfermagem numa perspectiva de contínua construção, reestruturação e, ao mesmo tempo, desconstrução.

Copyright © 2020, Cláudia Jeane Lopes Pimenta et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Cláudia Jeane Lopes Pimenta, Márcia Cristina de Figueirêdo Santos, Leiliane Teixeira Bento Fernandes, Fabíola de Araújo Leite Medeiros. 2020. "Avanços do conhecimento da enfermagem sob a ótica de revoluções científicas", *International Journal of Development Research*, 10, (04), 35320-35324.

INTRODUCTION

Este artigo reflexivo parte das indagações: Qual o sentido do conhecimento da Enfermagem na perspectiva da construção da própria ciência? Quais os avanços desse conhecimento sob a ótica das revoluções científicas? A evolução do conhecimento da Enfermagem perpassa momentos paradigmáticos inerentes à própria transição e avanços, desde a idade antiga até a contemporânea. A trajetória do desenvolvimento de um conhecimento é para Kuhn mediada por Revoluções Científicas, as quais decorrem das mudanças entre o período pré-paradigmático e o paradigmático. No período pré-paradigmático, há discussão sobre a base do conhecimento, e análises alicerçadas no consenso de único paradigma, que passa a direcionar as pesquisas do campo de estudo proposto. A ciência alcança, então, seu estágio paradigmático quando explícita o paradigma na elucidação de novos fatos ou na

resolução de novos problemas (Kuhn, 2007). Observa-se a existência de estudos que compõem a versão concreta de análise da evolução da própria ciência de enfermagem com base nos seus conceitos e predisposições sobre suas possíveis revoluções científicas (Dias, David & Vargens, 2016; Costa et al, 2009; Tomey & Alligood, 2014; Wall & Carraro, 2009; Watson, 2002; Davidson, Ray & Turkel, 2011). No campo da enfermagem, o conhecimento científico vem transcorrendo de maneira formal desde Florence Nightingale e é desenvolvido com base na essência que direciona a filosofia da Enfermagem com foco de que os cuidados de enfermagem diferem dos cuidados médicos e de outros profissionais em função de agregar conhecimentos sobre pessoa, ambiente, saúde e da enfermagem propriamente dita, os quais compõem o metaparadigma da enfermagem (Tomey & Alligood, 2004). A trajetória da Enfermagem esteve associada à evolução da figura feminina na sociedade, sobretudo quando voltada às práticas de

cuidado com a manutenção da vida, derivando dos cuidados domésticos com as tarefas rotineiras que adentram nas técnicas atuais da profissão. Desde os primórdios da humanidade, a construção histórico-social feminina em manter os seus familiares saudáveis, relacionada, principalmente, à imagem materna, proporcionou o desenvolvimento de habilidades para a manutenção de um ambiente doméstico saudável. Nessa perspectiva, o cuidado emergia como uma extensão das atribuições desempenhadas pela mulher, a qual possuía a responsabilidade de assegurar a continuidade da vida e o cuidado aos doentes, sendo as suas ações restritas apenas ao contexto familiar, em decorrência de convenções sociais da época (Angelo, Forcella, Fukuda, 1995; Collière, 2003). O conhecimento adquirido por essas mulheres era constantemente testado de forma prática, seja na solução de problemas que necessitavam de intervenções curativas, seja em cuidados imediatos, como o adoecimento repentino de um familiar, o cuidado aos ferimentos provocados pelas batalhas ou mesmo pelas disputas nos próprios vilarejos. Logo, até o início da Idade Antiga destinava-se à mulher aos cuidados cotidianos e ao homem era destinado o desafio da caça e da luta, ou seja, às mulheres era destinada os cuidados com a casa e a manutenção da vida e aos homens, era destinado à manutenção dos espaços externos. Nessa época, os saberes de saúde eram, aos poucos, elaborados pelos homens e pelas mulheres a partir de suas descobertas e transmitidos gradualmente por oralidade, como uma forma de tradição familiar, ensinados às mulheres que demonstravam motivação para cuidar (Collière, 2003).

A partir das primeiras escolas de medicina da Grécia antiga, de Cnide, de Rhodes e de Cyréne, inicia-se a exclusão da oralidade e das mulheres nas práticas de saúde. Considera-se que após esse período, há uma sobreposição dos conhecimentos ditos femininos e orais, para os masculinos e eruditos, relacionados ao nascimento das primeiras escolas médicas que levam ao desaparecimento da medicina mais tradicional praticada pelas mulheres na pré-idade antiga. A arrogância do cuidado pautado nos fundamentos científicos da época ecoa pela própria evolução do conhecimento pela dominação masculina e poder gerado pelo desenvolvimento dos modos de relações sociais e econômicas, pautados no escravismo e nas novas religiões que, aos poucos, surgiam e ganhavam força na sociedade (Collière, 2003; Geovanini et al., 2010). Na Idade Média, com a ascensão do cristianismo, surge o ato de caridade como uma virtude que tornava o indivíduo mais próximo de Deus (Dias, David & Vargens, 2016). Em decorrência dos inúmeros conflitos e das epidemias, houve um aumento na demanda de cuidados, exigindo do clero e da igreja a elaboração de estratégias para propagar o espírito de benevolência entre os seus fiéis, resultando na nomeação de voluntários para atuar nos hospitais, sendo, posteriormente, criadas as ordens de monges e freiras (Angelo, Forcella & Fukuda, 1995).

Os saberes e práticas de saúde na idade média, receberam influências religiosas que reprimiram a criatividade do exercício livre da mulher, e da Enfermagem ao longo de sua trajetória com a repressão do pensamento científico, a ruptura entre ciência e fé, na qual a igreja rotulava um número expressivo de conhecimentos científicos como uma afronta aos ensinamentos de Deus. O papel da cuidadora e seu lugar social estavam postos para servir ao doente, servir ao médico e servir à instituição a qual ela pertencia (Collière, 2003). O Renascimento, marcado, principalmente, pela Reforma Protestante, representou um retrocesso na implementação do conhecimento sobre as práticas de saúde, em relação aos seus

aspectos organizacionais da época, tendo em vista que a depreciação das ordens religiosas resultou no fechamento dos hospitais e na estagnação dos avanços, em que as atividades relativas ao cuidado passaram a ser desempenhadas por pessoas sem treinamento, as quais eram contratadas para atuar em condições insalubres e com uma remuneração insignificante (Salviano et al., 2016). Todavia, ao analisar o panorama geral vivenciado durante o Renascimento, sobretudo do ponto de vista científico, percebe-se que as descobertas da época intermediaram vultuosos avanços para o campo da saúde e para a Enfermagem. As mudanças na prática assistencial de enfermos iniciaram entre os séculos XVI e XVII, com a criação das damas e irmãs de caridade de São Vicente de Paula na França, sendo formadas por mulheres da comunidade, inteligentes, refinadas e devotas ao cuidado do doente, prestando uma assistência voltada para o conforto e redução do sofrimento. Devido à seleção das mulheres que estariam aptas a realizar o trabalho de cuidar, ocorreu o início do reconhecimento do ato de cuidar na sociedade e da sua importância para o bem-estar do doente (Angelo, Forcella & Fukuda, 1995).

As repercussões geradas por essas transformações se perpetuaram nos anos seguintes, possibilitando o ressurgimento das diaconisas, em Kaiserswerth na Alemanha, por meio de um programa de estudo voltado para mulheres que tinham interesse em prestar cuidados aos doentes no ambiente hospitalar. A relevância desse experimento para a prestação do cuidado como ciência e profissão, estava centrada no sucesso obtido, o que culminou no envio de diaconisas para inúmeros países, inclusive para a América (Costa et al., 2009). Neste mesmo período, desponta Florence Nightingale, pensadora crítica e reflexiva que, associado ao seu elevado intelecto, resultou na compreensão sobre a necessidade de formação de recursos humanos qualificados para atuar no campo das práticas de saúde. As suas contribuições resultaram no desenvolvimento do conhecimento científico acerca do cuidado aos doentes e no nascimento da Enfermagem como profissão, defendendo que a aquisição de conhecimentos somente era alcançada caso houvesse o estabelecimento de um preparo formal e sistemático, voltado para o ser humano no processo de saúde e de adoecimento. Nessa perspectiva, foi pioneira em enfermagem, tendo influenciado as políticas dos séculos XIX e XX em relação ao cuidado (Gomes et al., 2007). Nas décadas seguintes, a evolução dos conhecimentos da Enfermagem perpassou por inúmeras discussões sobre a necessidade do desenvolvimento de conceitos e de enquadramentos teóricos que pudessem embasar os saberes advindos da sua prática profissional. Acresce-se que à consciência dos profissionais que se embasaram na visão crítica de Nightingale, resultou na criação de filosofias e de teorias que buscavam explicar os fenômenos de interesse para o cuidado nos processos de saúde-doença e, também, transmitir significado a essa prática como uma estrutura organizativa da ciência Enfermagem, os quais partiram da premissa que os cuidados de enfermagem são únicos à profissão/disciplina e diferem dos cuidados médicos, e estão em desenvolvimento, em busca de novos paradigmas que o autenticem na prática dos cuidados ditos de Enfermagem, numa conjuntura complexa (Tomey & Alligood, 2004). Diante disso, objetivou-se refletir sobre os avanços do conhecimento em Enfermagem em uma perspectiva dialógica entre as revoluções científicas definidas por Thomas S. Kuhn.

MÉTODOS

Estudo teórico reflexivo realizado entre os meses de Agosto de 2018 e Março de 2019, durante a disciplina Fundamentos Filosóficos do Cuidar em Saúde e em Enfermagem, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba, considerando que a sua ementa tinha como foco conhecer e refletir sobre a história da ciência na perspectiva filosófica e suas

relações com os saberes não científicos, os paradigmas da ciência, as rupturas e os obstáculos epistemológicos; e promover e fortalecer a reflexão teórica e crítica sobre a relação da ciência em geral com as concepções filosóficas e metodológicas, presentes na produção do conhecimento da saúde, em geral, e da Enfermagem, em particular. Buscou-se, então, ampliar esse aprofundamento por meio da leitura do livro “Estrutura das Revoluções Científicas” (Kuhn, 2007), identificando os conceitos principais da obra e suas definições, criando relações interconceituais e suas aplicabilidades práticas constantes em referências sobre a evolução do conhecimento em Enfermagem entendendo que as reflexões de sala de aula suscitaram um constructo de ideias que permitiram a elaboração desse ensaio teórico.

Dessa forma, o referido livro foi lido duas vezes por cada autor, previamente à reflexão e discussão em sala de aula e após, para uma maior apropriação do conteúdo sobre o avanço do conhecimento da Enfermagem ao longo do tempo e das transições contextuais que envolvem a profissão, visto que requer apropriação de conteúdo adequada e validada por mais pessoas e por uma acurácia maior do conteúdo. Todas as reflexões elaboradas em sala de aula foram registradas manualmente pelos alunos e docentes, e, em seguida sistematizadas, a fim de compor o pensamento coletivo para corroborar as reflexões que compõem o presente estudo. Para a reflexão buscou-se a compreensão sobre as Revoluções Científicas e a análise crítica de teorias de enfermagem, relacionando-os aos estágios característicos do desenvolvimento de uma ciência, considerando os períodos pré-paradigmático, em que se encontram os estágios de reconhecimento de anomalia em um paradigma vigente e uma consequente consciência de crise paradigmática; e o período paradigmático propriamente dito, em que se emerge um novo paradigma para atender às novas necessidades de uma ciência, culminando em uma potencial revolução científica (Kuhn, 2007).

O desenvolvimento da ciência da Enfermagem: A Enfermagem, como ciência do cuidar, vem buscando se estabelecer como profissão, campo do saber, ciência e disciplina. Sabe-se que uma profissão é dotada de trabalho autônomo que tenha utilidade reconhecida pela sociedade, a partir de um saber especial produzido e transmitido aos pares pelos seus executores; ancorada em uma legislação específica, conduzida por um código de ética e com suporte em entidades que representam a profissão (Pires, 2013). Assim, embasando-se nesses preceitos, a Enfermagem atual se configura como uma profissão, a qual é estabelecida por legislação própria e em constante desenvolvimento de seus conceitos diante da práxis, do ensino e da pesquisa (Tomey & Alligood, 2004). A Enfermagem enquanto profissão tem seguido um caminho complexo, tendo em vista a necessidade de articulação técnico-científica, de pensamento crítico, ético, intuitivo e criativo ao trabalho do enfermeiro, de modo a conduzir sua práxis em concomitância ao desenvolvimento de habilidades humanas e interpessoais. A partir do século XIX, iniciou a substituição do empirismo pautado pela construção de conhecimentos científicos, os quais, com o tempo, adquiriram o rigor metodológico que hoje impulsiona o pensamento sobre sua qualidade como ciência.

A essa questão precede que a necessidade da utilização do pensamento crítico-reflexivo pelos enfermeiros em suas atividades desde o cuidado cotidiano passando pela pesquisa e docência, pautados na perspectiva de que o conhecimento científico anda de mãos dadas com o científico para a

consolidação do processo de cientificização da Enfermagem (Dias, David & Vargens, 2016). A história da construção do conhecimento da Enfermagem permitiu a estruturação de saberes significativos e articulados sobre cuidado, interação, promoção à saúde ou ambiente (Tomey & Alligood, 2004). Todavia, para que uma profissão seja considerada ciência faz-se necessário que em algum momento seja produzida por seus membros, uma síntese de conhecimento científico capaz de atrair uma massa de pessoas interessadas pelo estudo da natureza (Kuhn, 2007). A ciência é um produto histórico não linear com saltos e revoluções a partir de descobertas da comunidade científica em que os métodos e visões de mundo estabelecem os paradigmas de cada campo do saber. Os paradigmas são as menores unidades metodológicas, e quando não passam por crises ou revoluções são denominadas de ciência normal. Entretanto, quando os problemas que a comunidade científica têm de enfrentar – anomalias – determinam crises, dando início à ciência extraordinária (Kuhn, 2007). O período paradigmático consistia na concretização universal do que é considerado científico, em que o objeto de estudo é estável e não fornecem apenas soluções, mas mantêm as hipóteses existentes. Sendo assim, até que surja um paradigma totalmente aceito, as disciplinas são relativas e indefinidas e esse movimento de racionalização do conhecimento, como pensamentos desordenados, mitológicos e irracionais é denominado de período pré-paradigmático. Por fim, caso o paradigma atual não responda mais às hipóteses iniciais e chegue ao esgotamento é estabelecida uma crise que gera um período pós-paradigmático (Kuhn, 2007).

Watson (2002) aponta traços de novos paradigmas complexos, baseado na energia feminina que transpassa historicamente a consolidação da profissão de enfermagem e na produção científica da disciplina, reequilibrando a uma relação integral entre o gênero humano, a tecnologia, a natureza e o cuidado, em conformidade aos conceitos de metaparadigma que a própria ciência da enfermagem traz na diversidade e evolução de suas teorias. Havendo uma necessidade de emergir numa consciência unitária e ao mesmo tempo coletiva, somente possível a partir do reconhecimento de uma crise paradigmática (Kuhn, 2007) enquanto requisito a uma revolução científica, é que se busca ainda a autenticidade da profissão. Contudo, isso ocorre na perspectiva de uma revolução científica que determine um trabalho em equipe, conectado a diversidade de cultura, de indivíduos, de políticas, de religiões e de demais aspectos essenciais que determinam o cuidar em saúde, na égide da era tecnológica e ao mesmo tempo humanística, que vislumbra a unicidade de cada ser humano no planeta (Tomey & Alligood, 2004; Watson, 2002; Davidson, Ray & Turkel, 2011; McEwen M & Wills, 2016).

O conhecimento da Enfermagem a partir da visão de crise paradigmática: A partir da concepção de que uma filosofia registra o resultado estável de revoluções científicas superadas e evidenciam a base corrente da ciência normal, que articulam fenômenos e teorias de um determinado paradigma (Kuhn, 2007), entende-se que a Enfermagem ainda não alcançou a consolidação de sua própria filosofia, configurando-se nos dias de hoje como uma ciência aplicada, numa multiplicidade de focos de percepção sobre o processo saúde-doença, que seguem linhas relacionadas aos cuidados pautada numa visão positivista, dialógica ou fenomenológica, e mais ainda numa perspectiva mais contemporânea sob uma visão unitária e complexa como envolve estudos de Watson (2002) e de Davidson, Ray e Turkel (2011). Formas de evidenciar essa

multiplicidade de correntes científicas fundem nos próprios conceitos do metaparadigma da Enfermagem, os quais se constituem nas definições para o ambiente, pessoa, saúde e enfermagem. Tal metaparadigma, foi proposto por Fawcett em 1978 (14), e revisado em 2005 mantendo-se os conceitos derivados de sociedade para enfermagem, saúde, ambiente e o de ser humano, o qual já havia sido evoluído do de pessoa (Queirós, 2014). Respalda-se que após a publicação de teorias e da evolução do próprio conhecimento científico, as teóricas que escrevem sobre os Cuidados de Enfermagem vão expondo e contrapondo suas proposições, de acordo com ideias lineares ou não, mas que são essenciais para fundamentar a Ciência de Enfermagem, determinando a necessidade de análise crítica sobre a trajetória do desenvolvimento de conceitos ou permanência destes, justificando a reflexão desse processo de construção perante as Revoluções Científicas de Kuhn.

Nessa perspectiva, o conhecimento de enfermagem segue rumo a tornar-se cada vez mais firme como ciência e esforço no direcionamento filosófico, com foco na questão: Qual o sentido dos cuidados de enfermagem? (Dias, David & Vargens, 2016; Wall & Carraro, 2009). Para compreender a crise pela qual passa toda evolução científica para o conhecimento de Enfermagem, é necessário compreender os períodos pelos quais Kuhn enfoca em sua obra clássica: A estrutura das revoluções científicas (Kuhn, 2007), e associá-la ao historicismo da consolidação da ciência Enfermagem. O período pré-paradigmático é considerado um momento de reflexão sobre problemas e formas de solucioná-los (Kuhn, 2007). Trata-se da necessidade de delimitação do: *o que fazer?* Ao seguir por este pensamento refletem-se as demarcações históricas iniciais de abordagem das ações da Enfermagem frente ao indivíduo doente e saudável com necessidades de intervenções com cunho de manutenção e recuperação da saúde, concomitante ao surgimento da Enfermagem como profissão e como um campo do saber (Gomes et al, 2007).

Em contrapartida, o período paradigmático, em que se estabelecem conceitos amplamente aceitos por um determinado grupo científico devido à capacidade destes em atender às suas necessidades (Kuhn, 2007), pode ser representado pela indispensabilidade de delimitação das técnicas e habilidades manuais da Enfermagem. Esse foco no *como fazer* foi resultado da demanda de atuação da enfermeira como profissional paramédico de domínio técnico frente aos avanços científicos ocorridos no final do século XIX, sem que fosse necessário entender as justificativas das suas ações (Gomes et al, 2007). A partir deste momento, reconhecia-se a anomalia, segundo a visão Kuhniana, que circundara a Enfermagem como profissão. Fazia-se necessário refletir *o porquê* das ações bem como distinguir os saberes da Enfermagem dos saberes da Medicina para fundamentar e constituir um corpo de conhecimento específico da Enfermagem a fim de consolidá-la como profissão (Dias, David & Vargens, 2016). Nightingale, então, criou a primeira escola de treinamento de enfermeiras que tinha como foco formá-las para disseminarem o conhecimento científico da profissão em ambientes hospitalares por meio da organização, ensino e treinamento. As enfermeiras precisavam partir da quebra do paradigma de enfermeiras treinadas para o serviço e avançar ao paradigma de enfermeiras profissionais com formação curricular bem planejada, determinando afirmativas em que o cuidado de enfermagem era diferente dos cuidados médicos (Angelo, Forcella & Fukuda, 1995; ICN, 2010). A trajetória técnico-científica da enfermagem conecta-se às ideias de Tomas Kuhn acerca das

revoluções científicas desde o momento de reconhecimento da crise paradigmática pela tomada de consciência das necessidades supracitadas, até o direcionamento a um momento revolucionário em que emerge a possibilidade de surgimento de um novo paradigma que venha suprir o que requer o atual momento da profissão. A natureza fortemente tradicional da ciência normal prepara o caminho para a sua própria mudança (Kuhn, 2007). Tanto o momento de superficialidade científica existente na trajetória profissional da Enfermagem enquanto profissão que focava na mera execução de técnicas quanto à evolução rumo à descoberta de que executar ações implica pensar criticamente seus efeitos e consequências, sinalizaram para o momento de crise paradigmática (requisito Kuhniano para alcançar o período paradigmático) de formação da enfermeira técnica.

A Enfermagem como profissão, ciência e disciplina vive um momento de inserção no que Kuhn (Kuhn, 2007) reflete como revolução científica. Isso se justifica pela busca constante da definição do saber próprio da Enfermagem, processo iniciado por Florence, em seus primeiros escritos científicos, sendo retomado cem anos depois com a necessidade da criação de teorias que refletissem o conhecimento epistemológico da Enfermagem acerca do cuidado nas suas diversas áreas de atuação (Dias, David & Vargens, 2016), no sentido de guiar a profissão a uma mudança efetiva de paradigma, que segundo Kuhn, só é possível a partir da refutação do paradigma anterior reconhecidamente anômalo. Esse momento de revolução científica não se concluiu, contudo, com a consciência de crise, foi necessário pensar desde quando e a partir do que se tem a impressão de que a Enfermagem seja uma ciência consolidada. Entende-se, então, que a disseminação do conhecimento baseado em experiências, por meio dos periódicos científicos, representou um importante marco nesse intuito (Gomes et al, 2007), tendo em vista que a preocupação em tornar acessível o que se conhecia sobre a profissão e a comunicação entre enfermeiras de diversos locais surgiu desde 1900 com a criação da *American Journal of Nursing* (Angelo, Forcella & Fukuda, 1995) e no Brasil a partir de 1932 com a criação dos Anais de Enfermagem, atualmente intitulada Revista Brasileira de Enfermagem (Gomes et al, 2007). A evolução do conhecimento da Enfermagem e do estudo dos fenômenos voltados ao cuidado têm gerado perspectivas para o desenvolvimento de saberes próprios e de identidade para garantir maior autonomia à profissão, culminando com a revolução científica/paradigmática na Enfermagem. Essa necessidade de mudanças, que parte da constatação de anomalias no paradigma vigente e reconhecida por Kuhn como a consciência da crise, resultou em avanços na trajetória técnico-científica da Enfermagem profissional, ciência e disciplina, mediante o desenvolvimento de novas teorias que definem e estruturam áreas de atuação cada vez mais específicas e eventos ainda mais complexos, o uso de terminologias que permitem uma padronização da linguagem científica empregada na assistência e o fomento a novas pesquisas que visam a compreensão do objeto de cuidado segundo diferentes dimensões, tornando-se imprescindível a reorganização do conhecimento construído ao longo dessa trajetória para não se desarticular do foco do metaparadigma da profissão (Tomey & Alligood, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Enfermagem busca sua consolidação teórica para nortear a prática do cuidado aos mais diversos indivíduos e campos de atuação. Dessa forma, a amplitude dos avanços desse conhecimento científico e a complexidade atual de pensar o cuidado ao outro têm demandado uma necessidade emergente

nos estudos contemporâneos, possivelmente relacionada ao foco atual de prática multiprofissional e transdisciplinar, no que dita os sentidos do cuidado de enfermagem frente aos conceitos do metaparadigma da profissão. Ao traçar a trajetória da enfermagem, diante das produções, é possível elucidar a suposição dos avanços teóricos que determinam o próprio contexto que é posto nos conceitos de metaparadigma da enfermagem, configurados como evolução científica na própria construção do conhecimento da profissão. Verifica-se que o estudo crítico de teorias, o desenvolvimento de conceitos inerentes ao cuidado de enfermagem e a produção de novas teorias podem determinar um caminho às revoluções científicas da Enfermagem diante de eras atuais, em que novos paradigmas vão surgindo e determinando elucidaciones novas, divergentes ou convergentes, porém com inovações conceituais que transcorrem os avanços na Ciência da Enfermagem. Os avanços do conhecimento da Enfermagem seguem uma contínua construção, reestruturação e desconstrução, transcendendo a ideia de singularização da práxis autêntica da profissão numa perspectiva, um tanto complexa, que busca situá-la de forma única e diferenciada das outras profissões de saúde, mas também num contexto transdisciplinar. A condição desse conhecimento se foca nos cuidados de enfermagem, visando sua autonomia e valorização social, buscando sobremaneira, as boas práticas de saúde para a população, do uso de tecnologia e do cuidado humanístico.

REFERÊNCIAS

- Angelo M, Forcella HT, Fukuda IMK. Do empirismo à ciência: a evolução do conhecimento de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*. 1995; 29 (2):211-23. <https://doi.org/10.1590/0080-6234199502900200211>
- Collière MF. *Cuidar... A primeira arte da vida*. 2. ed. Loures, Portugal: Lusociência; 2003.
- Costa R *et al.* F. O legado de Florence Nightingale: uma viagem no tempo. *Texto Context Enferm*. 2009; 18 (4):661-9. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072009000400007>
- Davidson AW, Ray MA, Turkel MC. *Nursing, Caring, and Complexity Science: For Human-Environment Well-Being*. New York: Springer Publishing Company. 2011.
- Dias JAA, David HMSL, Vargens OM da C. Science, nursing and critical thinking – epistemological reflections. *J Nurs UFPE on line*. 2016; 10 (Supl. 4):3669-75. https://doi.org/10.5205/reuol.9681-89824-1-ED.1004_sup_201619
- Geovanini T *et al.* *História da enfermagem: versões e interpretações*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010.
- Gomes VLO *et al.* Evolução do conhecimento científico na enfermagem: do cuidado popular à construção de teorias. *Invest Educ Enferm*. 2007; 25 (2):108-15. <http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v25n2/v25n2a10.pdf>
- ICN. *Notas sobre enfermagem: um guia prático para cuidadores na atualidade*/International Council of Nurses (ICN); apresentação internacional Alliance of Patient's Organizations (IAPO). Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- Kuhn TS. *Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- McEwen M, Wills EM. *Bases Teóricas de Enfermagem*. 4. ed. Porto Alegre (RS): Artmed; 2016.
- Pires DEPP. Transformações necessárias para o avanço da Enfermagem como ciência do cuidar. *Rev Bras Enferm*. 2013; 66 (esp):39-44. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000700005>
- Queirós PJP. Conceitos disciplinares em uso por estudantes de licenciatura e de mestrado em Enfermagem. *Rev Enf Ref*. 2014; (2):29-40. <http://dx.doi.org/10.12707/RIII13120>
- Salviano MEM *et al.* Epistemology of nursing care: a reflection on its foundations. *Rev Bras Enferm*. 2016; 69 (6):1172-7. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0331>
- Tomey A, Alligood MR. *Teóricas de enfermagem e a sua obra*. 5 ed. Lisboa, PT: Lusociência, 2004.
- Wall ML, Carraro TE. Kuhn's Revolutionary Theory and its influence on the construction of nursing knowledge. *Rev Latino-Am Enferm*. 2009; 17 (3):417-22. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000300021>
- Watson J. *Enfermagem Pós-Moderna e futura*. Um novo paradigma da enfermagem. Loures, PO: Lusociência; 2002.
